

NÍZEA ANDRADE COELHO

**CASOS, DESCASOS E CAUSOS DE
IBITURUNA**

SERRA NEGRA ESCONDIDA ENTRE
MINAS DE OURO E MONTANHAS GERAIS.

VIÇOSA - MG
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DA UFV
2011

NÍZEA ANDRADE COELHO

CASOS, DESCASOS E CAUSOS DE IBITURUNA

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Soraya Maria Ferreira Vieira

VIÇOSA - MG
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DA UFV
2011



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Casos, Descasos e Causos de Ibituruna*, de autoria de Nízea Coelho, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Dr^a. Soraya Maria Ferreira Vieira – Orientadora
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa

Prof. Ms. Maurício de Medeiros Caleiro
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa

Jornalista/Ms. Léa Regina de Medeiros
Universidade Federal de Viçosa

Viçosa, 22 de junho de 2011.

Dedico este trabalho à minha família e aos meus amigos. A compreensão, o apoio e a confiança de vocês na minha capacidade foram essenciais durante todo o processo.

AGRADECIMENTOS

De uma coisa tenho certeza: sozinha eu não conseguiria. É nessa hora que percebemos a importância da família e dos amigos em nossas vidas. Por isso, gostaria de agradecer àqueles que fizeram este sonho ser possível.

Primeiramente agradeço aos meus pais, os responsáveis por eu estar aqui e poder realizar este trabalho. Dr. William e Dona Bebel, o apoio de vocês, em todos os sentidos, foi indispensável.

Também merecem agradecimento especial as pessoas que atuaram nos bastidores. Ao Diego, que por muitas vezes se fez passar por jornalista. À Stella e ao Éverton, pelas incontáveis opiniões e conselhos. À Ana Gabriela, pela consultoria na parte histórica. E à tia Cissa, por tanto me ajudar com as pesquisas.

Agradeço à Júlia e à Renata, que conseguiram um tempinho na agenda para me auxiliarem no roteiro e na arte. Ao Cantim e à Camila, pelos mapas e plantas de fazendas. Ao Erlei, Murilo e Elder, pelas dicas de filmagem e edição. À Pam, Tássio, Neidson, vó Léa, tia Dirinha e tia Marília, pelos favores prestados direta ou indiretamente.

À todos que disponibilizaram arquivos para que o documentário fosse realizado.

À professora Soraya, pela orientação acadêmica.

À Léa Medeiros, pela compreensão no estágio.

Por fim, agradeço a todos os entrevistados e ao povo de Ibituruna que esteve sempre disposto a ajudar.

A realização deste trabalho só foi possível porque pude contar com vocês. A todos, o meu muito obrigada.

“Uma cidade sem seus velhos edifícios é como um
homem sem memória.”

(Leandro Silva Telles)

RESUMO

Minas Gerais foi durante muito tempo a província mais lucrativa do Brasil. A descoberta do ouro se tornou um marco para o desenvolvimento da Colônia. Durante esse período de conquista do sertão, Ibituruna constituiu um importante ponto de pouso e abastecimento dos bandeirantes e, posteriormente, dos mineradores que viajavam pela região da Comarca do Rio das Mortes. As glórias do primeiro povoado mineiro, no entanto, ficaram esquecidas no passado e o local ficou abandonado pelos investimentos públicos durante séculos. O patrimônio histórico foi quase totalmente destruído e hoje Ibituruna não apresenta características de uma cidade histórica. Por meio dos “causos” populares e das críticas do narrador, este trabalho tem a intenção de contar a história de Ibituruna pelas lentes de uma autora filha do lugar, e abordar os descasos que a localidade sofreu ao longo de três séculos. Além disso, ele visa indicar rapidamente as perspectivas para o futuro do município. A linguagem escolhida foi o áudio-visual e o formato, documentário. Essa combinação possibilita retratar de maneira mais expressiva a cultura do local, principalmente por esta ser contada a partir de relatos dos próprios moradores, o que cria maior aproximação entre documentário, público e documentarista.

PALAVRAS-CHAVE

Documentário; Ibituruna; Patrimônio; Minas Gerais; Fernão Dias Paes.

ABSTRACT

Minas Gerais was the most lucrative Brazilian province during long time. The discovery of gold became a milestone for the colony development. During the conquest of wilderness period, Ibituruna was a important “landing point” and supplying the *bandeirantes* (people who participated in private expeditions which explored the interior lands of Brazil during the century 17 and in the early years of century 18) and later the miners who traveled around the Rio das Mortes region. The glories of the first town from Minas Gerais, however, it was forgotten in the past and the place was abandoned for centuries by public investment. The historic patrimony was almost totally destroyed and today Ibituruna doesn't have characteristics of historical city. Through of popular "*causos*" and criticism of the narrator, this academic work intends to tell the Ibituruna city's history through the lens of an author, Ibituruna's daughter, and addressing the indifferences that the locality has suffered over three centuries. Furthermore, it aims to indicate quickly the prospects for the future of the city. The chosen language was the audio-visual and the format was, documentary. This combination can show more expressively the culture of the place, mainly because this is told from the local resident's reports, creating closer ties between documentary, audience and filmmaker.

KEY WORDS

Documentary; Ibituruna; Historic patrimony; Minas Gerais; Fernão Dias Paes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PELOS CAMINHOS TEÓRICOS	11
2.1. As origens de Minas Gerais.....	11
2.2. Os Bandeirantes e a fundação de Ibituruna.....	13
2.3. O patrimônio histórico de Ibituruna.....	20
2.4. O documentário como forma de expressão.....	29
3. RELATÓRIO TÉCNICO	31
3.1. Pré-produção	31
3.2. Produção	33
3.3. Pós-produção	34
3.4. Informações técnicas e de utilização do produto	35
3.5. Ficha técnica	35
3.6. Orçamento.....	36
3.7. Equipamentos e softwares.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
6. ANEXOS	
6.1. Entrevistados	41
6.2. Bens tombados	45

6.3. Termo de autorização de uso de imagens.....	47
6.4. Termo de autorização de uso de imagens de crianças	48
6.5. Termo de responsabilidade de empréstimos	49
6.6. Roteiro	50

LISTA DE FIGURAS

1. Estátua de Fernão Dias Paes (foto: arquivo da Prefeitura Municipal)	16
2. Mathias Cardoso de Almeida (foto: Portal São Francisco).....	16
3. Mapa: caminho entre São Paulo e Belo Vale (arte: Camila de Souza Lopes).....	17
4. Mapa: atalho passando por Carrancas (arte: Camila de Souza Lopes).....	19
5. Marco de Sesmarias (foto: Nízea Coelho).....	23
6. Casa da Teté (foto: arquivo da Prefeitura Municipal).....	24
7. Casa das Moças (foto: arquivo da Prefeitura Municipal).....	24
8. Casa de Miguel Machado (foto: arquivo da Prefeitura Municipal).....	24
9. Imagem original de São Gonçalo do Amarante (foto: Nízea Coelho).....	26
10. Estação de Ibituruna antes da reforma (foto: arquivo da Prefeitura Municipal).....	28
11. Estação de Ibituruna após a reforma (foto: Nízea Coelho).....	28
12. Bens tombados (fotos: Nízea Coelho).....	45

1. INTRODUÇÃO

O estado de Minas Gerais possui oitocentos e cinquenta e três municípios, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE¹. Muitos desses municípios tiveram participação na época da colonização e mineração e por isso são tema central de autores, pesquisadores, poetas, músicos e artistas que dedicaram anos e inúmeras obras a descrever suas importâncias históricas no estado. Os municípios mais citados são Congonhas, Diamantina, Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João Del Rei e Tiradentes. A contribuição destas cidades para a formação do estado é incontestável, porém, nota-se uma saturação de estudos sobre estes enquanto alguns lugares mineiros ficam esquecidos no tempo e na história, como Ibituruna. Mesmo sem estudos aprofundados sobre tais municípios, não se pode deixar de observar que eles tiveram uma importante participação durante a conquista do que viria a ser na época da mineração, a província mais lucrativa da coroa portuguesa.

Diante dessa constatação e como moradora de Ibituruna proponho-me a desenvolver um trabalho documental audiovisual sobre este município, que, apesar de ser o primeiro povoado mineiro, é totalmente desconhecido por grande parte da população mineira e por muito de seus jovens moradores que talvez não tiveram a oportunidade de ouvir e conviver com a própria história ou com personagens que fizeram a história deste pequeno lugar. Assim o projeto experimental que ora apresentamos tem o objetivo de trazer parte desta memória através da linguagem do documentário.

A cidade de Ibituruna está localizada no circuito do campo das vertentes, situado na região centro-oeste de Minas Gerais, a duzentos e vinte quilômetros de Belo Horizonte. Possui o território de cento e cinquenta e três quilômetros quadrados e uma pequena população de dois mil, oitocentos e sessenta e seis habitantes que vivem, em sua maioria, da agropecuária e serviços relacionados à área. No decorrer de seus trezentos e trinta e sete anos de história, completados no dia primeiro de março de 2011, a localidade reservou as características de um pequeno povoado mineiro, não apresentando desenvolvimentos significantes, principalmente no decorrer dos séculos XIX e XX.

A importância histórica do local está na época do descobrimento de Minas Gerais, quando os bandeirantes desbravavam as matas do território a procura de ouro, pedras preciosas e índios. O arraial serviu por muito tempo como referência de pouso para os viajantes que por ali passavam.

Pesquisar a cidade de Ibituruna é de grande valor para a compreensão de uma pequena parte da história de Minas Gerais, que é uma região de enorme importância na formação do Brasil, destacando suas tradições, riquezas culturais e naturais, que não podem passar despercebidas ao olhar do seu povo e dos demais visitantes, com intuito de absorver sua história de forma a engrandecer cultural e historicamente, preservando seu patrimônio que pertence a todos nós.

¹ Dados do Censo 2010.

Nos últimos anos o Governo do Estado financiou diversos projetos para a restauração da cultura e história do lugar. O primeiro passo foi a inclusão da cidade no roteiro turístico chamado Estrada Real, projeto que visa a unificação de várias cidades turísticas de Minas Gerais, São Paulo e também Rio de Janeiro que pertencem a área de influência dos municípios próximos à estrada que servia de escoamento de mercadorias de Minas Gerais para a capital da Colônia, Rio de Janeiro.

Em janeiro de 2011, foi lançado um livro intitulado Memória Histórica de Ibituruna - Primeiro Povoado Mineiro, de autoria de Maria do Rosário de Pompéia, que relata desde os primórdios da fundação até os dias de hoje. Mesmo com toda a carga histórica que a cidade carrega, este é o único relato documental que aborda este tema.

O nosso objetivo é, portanto, realizar um vídeo-documentário, assinalando fatos e lugares importantes do patrimônio histórico esquecido pelos mineiros, mas não pelos ibiturunenses, criando assim um registro do município para que pesquisadores, historiadores, educadores e ibiturunenses disponham de mais um arquivo para auxiliar suas pesquisas e também para que a história do primeiro município mineiro se torne conhecida. Assim o vídeo-documentário abordará a importância histórica da cidade, desde as controvérsias do seu descobrimento, passando pelo descaso governamental durante a época que foi arraial, as melhorias após a emancipação político-administrativa e a tentativa de recuperação deste patrimônio nos dias atuais. Tudo isto contado pelos próprios personagens que construíram a história dessa cidade e sob a narrativa com olhar crítico da autora.

2. PELOS CAMINHOS TEÓRICOS

2.1 As origens de Minas Gerais

Minas Gerais nasceu do sonho português de encontrar ouro nas terras brasileiras, sonho este que existia desde a época do descobrimento quando excursões exploravam o litoral brasileiro a procura de ouro em abundância para enriquecer a Coroa Européia durante a época do Mercantilismo.

Nos primeiros anos, muito pouco se encontrou de ouro ou produtos em maior escala para serem comercializados na Europa. Isso fez com que o Reino Português demorasse cerca de trinta anos para efetivamente colonizar o Brasil.

No contato com os índios, após 1532, os colonizadores perceberam que o Brasil tinha muito mais a oferecer do que natureza pródiga e solo fértil. Segundo os dizeres dos nativos havia serras no interior do continente recheadas de ouro, metais preciosos e pedras brilhantes. Muitas lendas surgiram ao redor da riqueza escondida em solo brasileiro. Uma delas era Sabarabuçu, umas das principais razões, se não a principal, para os colonizadores invadirem o sertão.

A esta Capitania de Porto Seguro chegarão certos índios do Sertão a dar novas dumas pedras verdes que havia numa serra muitas legoas pela terra dentro, e trazião algumas dellas por amostra as quaes erão esmeraldas, mas não de muito preço. E os mesmos índios dizião que daquellas havia muitas, e que esta serra era mui fermosa e resplandecente (sic) (GÂNDAVO, 1558 p16)².

Sabarabuçu, conhecida também como Serra Verde ou Serra das Esmeraldas aguçou a vontade e a coragem dos paulistas em busca de riquezas.

O sonho das esmeraldas era fascinador. E fascinava tanto, com tal engano, que não houve matos, nem bichos peçonhentos, nem estouros, nem bulcoens de fogo, nem estorvo de porte algum, que tolhessem o ânimo deslumbrado dos sertanejos. E tal como aconteceu com a prata, durante duzentos longos anos, rumo ao sertão, saíram as entradas, visionárias e desabusadas, no encalço da serra verde. (SETÚBAL, 1956 p.02)

A “lenda” do Sabarabuçu não estava presente apenas nos contos indígenas e nas crônicas deslumbradas que noticiavam a Serra Verde. Também grandes homens voltavam de suas jornadas com relatos de “certa pedreira verde, muito fuzilante” (SETÚBAL, 1956 p 02).

(...) a cata que mandey abrir deu numa pedreira verde, (...) e ha grande expectassão que tem nella esmeraldas; pois daquella serra sahem pedras de cor verde, da mesma casta da pedreira verde (...) o ryo que say daquella pedreira tem a agua verde; as hervas que dentro delle se criam são verdes; athé o peixe ally he verde. (sic) (LEAL apud SETÚBAL, 1956 p 02).

Em meados do século XVI, quando esta lenda se espalhou pela Colônia e também por Portugal, a Europa vivia o Mercantilismo, política econômica adotada pelos Estados Absolutistas visando o desenvolvimento através da acumulação de riquezas. Quanto maior a

² Pero de Magalhães Gândavo nasceu em Braga (Portugal) e foi Provedor da Fazenda Real no Brasil. Deixou dois livros dedicados ao Brasil: Tratado da Terra do Brasil (1570) e História da Província de Santa Cruz, A que Vulgarmente Chamamos Brasil (1576). Existem diversas edições destes livros. A que utilizamos neste trabalho tenta ser leal à língua portuguesa utilizada na época em que foi escrito o documento. Disponível em <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/TRATADO_DA_TERRA_DO_BRASIL,_DE_PERO_DE_MAGALH_AES_GANDAVO.pdf>

quantidade de riquezas dentro de um reino, maior seria seu prestígio, poder e respeito internacional. Dessa forma, quando a Corte foi notificada de que haviam encontrado esmeraldas na Colônia, o Rei de Portugal mandou organizar expedições para adentrar o sertão em busca de tais riquezas. Uma delas foi comandada por Fernão Dias Paes, fundador de Ibituruna.

Sabe-se que muito antes do território mineiro ser colonizado, vários exploradores tiveram a intenção de desbravar o solo da região, no entanto suas excursões não obtiveram sucesso, muitas vezes perdendo-se os homens pela selva, vitimados pela fome, animais selvagens, doenças ou conflitos com os indígenas. Alguns desbravadores conseguiram adentrar o Sertão dos Cataguás (região que se tornaria a Capitania de Minas), contudo não fixaram núcleo ou moradia que pudesse servir como referência para futuras expedições que se seguiriam. Alguns desses exploradores foram Francisco Bruza Espinoza (partiu para o sertão em 1553), Sebastião Fernandes Tourinho (1573), Antônio Dias Adorno (1574), João Pereira de Souza Botafogo (1596) Afonso Sardinha (1598) e vários outros que buscaram a Serra Resplandecente, mas obtiveram sucesso apenas na captura de índios para trabalharem nas lavouras.

Mesmo não fundando povoados e nem encontrando riquezas minerais, esses aventureiros abriram muitas trilhas, estabeleceram rotas que, comentadas e passando de boca a boca, serviram para facilitar as entradas dos que vieram depois. (POMPÉIA, 2011. p 21)

Não foi, portanto, Fernão Dias Paes Leme o primeiro colonizador a pisar em solo mineiro, tendo tido vários antecessores. Mas deve-se a ele a responsabilidade do início da colonização no território, quando fundou um núcleo de povoamento, deixando o local abastecido com plantações, homens e casas, para servir de referência para futuras expedições.

2.2 Os Bandeirantes e a Fundação de Ibituruna

Fernão Dias era descendente dos Leme, primeiros povoadores da Capitania de São Vicente. Homem influente e respeitado no governo, já havia participado de expedições que desbravaram sertões onde hoje estão situados os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em busca de escravos e conquista do território. Devido aos seus prestígios junto à Coroa, Fernão Dias Paes recebeu em 1672 ordens do Governador-geral do Estado do Brasil, Afonso Furtado de Castro, para organizar uma Bandeira em busca do Sabarabuçu, onde os rumores diziam haver uma serra recheada de esmeraldas.

"... tenho encarregado ao Capitão Fernão Dias Paes do descobrimento das Minas de prata, e de Esmeraldas; e como ora está para partir, e sendo este negocio de tanta ponderação, e de tão grandes conveniencias para o serviço de Sua Alteza, augmento de sua Real Fazenda a conservação deste Estado... ordeno ao Capitão-Mór, aos Officiais maiores e menores, ás camaras de quaesquer villas, que o hajam, honrem, estimem e reputeem como Governador; e o obedeçam, cumpram e guardem todas as suas abras de palavra, ou por escripto, tão pontual e inteiramente como devem e são obrigados..." (CASTRO, *apud* SETÚBAL, 1956. p09)

Esta expedição ao Sertão dos Cataguás, assim como as anteriores, não teve sucesso no descobrimento de rochas preciosas. Chegaram sim a encontrar as lendárias pedras esverdeadas, porém não passavam de turmalinas. No entanto, diferente das expedições anteriores, esta foi responsável pela colonização e povoamento do sertão.

Segundo Pompéia (2011. p32), o sucesso da Bandeira Esmeraldina se deve “essencialmente à sua extraordinária organização, bem planejada, tanto no aspecto econômico, como nos aspectos administrativo e humano.”

Antes de partir, ele (Fernão Dias) mandou que alguns capitães seguissem adiante, levando homens e ferramentas. A missão deles era preparar o caminho, parando em alguns pontos para plantar milho e criar porcos e galinhas, que serviriam de alimentos para os viajantes. (BARBOSA, *apud* POMPÉIA, 2011 p32).

A primeira leva foi chefiada por Mathias Cardoso de Almeida, eleito capitão-mor pelo próprio Governador Fernão Dias. Aquele, desde os dezesseis anos costumava acompanhar o pai pelo sertão à procura de índios. Tinha, portanto, grande conhecimento do território a que ia adentrar a Bandeira das Esmeraldas e também das tribos indígenas que o habitavam.

A comitiva de Mathias Cardoso partiu de São Paulo em 1673. O caminho percorrido pelos desbravadores atravessou a serra da Mantiqueira através da Garganta do Embaú e atingiu o sertão. Em solo mineiro, a excursão seguiu trilhas indígenas, com a ajuda destes, e passou pelos locais onde estão atualmente as cidades de Passa-Quatro, Pouso Alto, Rio Verde, Baependi e Ingaí. Romperam, então, o Rio Grande e estabeleceram pouso em uma várzea aos pés da Serra Negra, chamada pelos nativos tupi-guaranis de Ibituruna, onde se estabeleceu o primeiro povoado das Minas Gerais.

Em local de ótimas terras, entre dois rios, a comitiva de Mathias Cardoso de Almeida definiu a sua primeira parada. Aí, encontraram muitos índios, que foram logo expulsos, contando mesmo a tradição, que fora erguido um forte contra os nativos, logo em seguida. Esse lugar aprazível, banhado pelo Rio Grande e pelo Rio das Mortes, é Ibituruna, que teve como referência a Serra Negra (que lhe deu o nome). (POMPÉIA, 2011 p32)

Seguiram-se à Mathias Cardoso a leva de Bartolomeu da Cunha Gago³. Em julho de 1674⁴, aos sessenta e seis anos de idade, Fernão Dias partiu de São Paulo com sua comitiva à procura das esmeraldas, seguindo o caminho que havia sido aberto por seus vanguardeiros. Era formada por aproximadamente seiscentos homens, sendo quarenta brancos ou mamelucos e os restantes índios. Entre eles estava seu genro Manuel da Borba Gato e seus filhos Garcia Rodrigues Paes e José Dias Paes. Este último, bastardo, organizou uma conspiração contra o pai e foi por ele enforcado para servir de exemplo aos demais. Apesar do apoio Real, a Bandeira da Esmeralda contou apenas com o financiamento do próprio Fernão Dias.

E como era gentil-homem, e de ânimo largo, muitíssimo soberbo, timbrou em pagar do seu bolso, só do seu bolso, aqueles gastos tremendos."... todas as despesas, que a prudencia de qualquer deve conjecturar quaes seriam, foram todas feitas á custa de Fernão Dias". (...) Fernão Dias apurou o dinheiro que pode para botar na empresa. Só poupou (...) umas poucas jóias da mulher e umas poucas jóias das filhas. (SETÚBAL, 1956 p09).

Quando Fernão Dias alcançou Ibituruna, Mathias Cardoso já havia partido para abrir novos caminhos, seguindo para São Pedro do Paraopeba e depois, Sumidouro. Na Serra Negra, no entanto, havia deixado alguns homens para cuidar das roças e das criações. Assim, quando Fernão Dias chegou ao local, pôde descansar e reabastecer sua comitiva para seguir viagem no ano seguinte. Construiu na paragem uma casa, que podia ser vista até a segunda metade do século passado. O documentário busca esclarecer essa história, comparando a história conhecida popularmente, na qual Fernão Dias foi o primeiro a colonizar Ibituruna, e a história real, em que Mathias Cardoso teria sido o vanguardista.

Pompéia (2011. p33) faz uma importante consideração acerca do verdadeiro descobridor de Ibituruna.

Considerando assim a disposição da Bandeira das Esmeraldas, em duas ou três expedições, pode-se concluir que o verdadeiro fundador de Ibituruna seja o próprio vanguardeiro Mathias Cardoso de Almeida. E essa fundação se deu em 1673 e não em 1674, pois Mathias Cardoso, após plantar e criar fontes de abastecimento, seguiu jornada, deixando aí pessoas encarregadas que mantivessem as roças aguardando os que viriam logo depois. (...) Não se tira por isso o mérito de Fernão Dias, o chefe da Bandeira fundadora (...)

³ Segundo alguns autores, Bartolomeu da Cunha Gago foi o primeiro a encontrar ouro nas Minas Gerais, em 1681, ano da morte de Fernão Dias Paes.

⁴ "A data de partida de Fernão Dias de São Paulo é conhecida e documentada como 21 de julho de 1674 e não março de 1674. Em março, certamente, de 1675, após descansar e reabastecer a sua expedição, rumou o Bandeirante para a região do Rio das Velhas, deixando Ibituruna habitada já e como ponto de referência, de pouso e de reabastecimento". (POMPÉIA, 2011 p26).

Para título de comemorações, a fundação de Ibituruna se deu em primeiro de março de 1674. Contudo, se ponderarmos a consideração de Pompéia, o verdadeiro descobridor seria Mathias Cardoso de Almeida, através da Bandeira de Fernão Dias Paes, um ano antes da data comemorada. Sobre o dia e o mês que a primeira leva atingiu Ibituruna, não se tem registros.

Muito pouco se sabe sobre as origens de Ibituruna, e também de Minas Gerais, pois a expedição de Fernão Dias não encontrou as pedras preciosas que o reino esperava ansiosamente e por isso caiu no esquecimento, sendo ignorada pela maioria dos historiadores. Entretanto a passagem de Fernão Dias é sentida no patrimônio da cidade seja nas histórias da gente de lá, seja no patrimônio cultural destacadas neste documentário.

Figura 1: Estátua em homenagem a Fernão Dias Paes localizada na Praça de mesmo nome, em Ibituruna.



Fugura 2: Matias Cardoso de Almeida.

“Dos historiadores antigos, foi o inglês Soutley o único que frisou a importância da bandeira como descobridora do território do atual Estado de Minas Gerais” (BARBOSA *apud* POMPÉIA, 2011 p28). Talvez, deva-se a isso a reivindicação de outros municípios mineiros ao título de primeiro povoado. Poucas são as referências e confusas são as datas quando se faz comparação entre os documentos. No entanto, um ponto favorável ao título de primeiro

núcleo de povoação a Ibituruna vem das anotações de Pedro Taques Paes Leme, sobrinho-neto de Fernão Dias, que narrou, em 1757, os acontecimentos referentes à investida do avô no sertão e que menciona Ibituruna como o primeiro local de paragem da Bandeira. Muitos destes municípios possuem extensa divulgação sobre suas histórias. Em Ibituruna, no entanto, a divulgação é escassa. Assim, este trabalho tem como objetivo divulgar a história da cidade.

Um dos municípios que contestam a primogenitura é São Pedro do Paraopeba (atual Belo Vale), também descoberto pela Bandeira das Esmeraldas. Porém, quando se analisa geograficamente, a região está localizada ao norte da Serra Negra e, portanto, mais distante de São Paulo.



Figura 3 – Caminho entre São Paulo e Belo Vale.

Mathias Cardoso tinha a função de fundar núcleos de abastecimento para as levas que viriam posteriormente. A lógica não permite dizer que o vanguardeiro tenha saído de São Paulo, passado por São Pedro do Paraopeba em 1673, e depois retornado pelo caminho para então fundar Ibituruna, ainda no mesmo ano.

Outro município que pleiteia a primogenitura de Minas Gerais é Matias Cardoso, no norte do Estado. Sabe-se que antes de integrar a Bandeira de Fernão Dias, Mathias Cardoso realizou investidas na região do Rio São Francisco, onde teria fundado currais de gado. Destes surgiram quatro cidades, dentre as quais está Matias Cardoso. Pompéia (2011, p.47) argumenta que:

Essa localidade e várias outras do norte de Minas pertenciam à Bahia até meados de 1757. A essa época Ibituruna já contava oitenta e quatro anos de idade! Pode então, a cidade chamada Matias Cardoso ser hoje a localidade mais antiga existente no solo de Minas, entretanto não foi a primeira a ser fundada em Minas Gerais.

Certo é que foi através da Bandeira de Fernão Dias que o Sertão dos Cataguás foi povoado e, pela análise de documentos e também pela cultura popular, Ibituruna constituiu o primeiro núcleo de povoamento das Minas Gerais.

A fundação de arraiais era fundamental para a sobrevivência das expedições, assim esta “Bandeira” fundou o arraial de Ibipiruna (Serra Negra), o arraial de Santana (no rio Paraopeba) e o de São João de Sumidouro (Pedro Leopoldo). (...) os caminhos existentes a partir de São Paulo, propiciaram o surgimento de uma rede de povoados que ocuparam o sertão, criando-se entrepostos comerciais principalmente nos locais de pousos das tropas. O local destes povoados dava-se em pontos estratégicos ao longo dos caminhos, onde a natureza era mais acolhedora e propícia para tal. (VILLANUEVA, 2007. p14).

Se pouco se tem documentado sobre a fundação de Ibituruna, quase nada se sabe sobre os acontecimentos no Arraial entre 1888 e 1913. Isso porque um misterioso incêndio na Casa Paroquial queimou estes registros locais⁵. A documentação que ainda existe está espalhada pelas cidades as quais pertenceu o Arraial até a data de sua emancipação, ou na mão de colecionadores. Para pesquisar a história do primeiro povoado mineiro após seu descobrimento é preciso buscar notícias em jornais da época ou recorrer a arquivos de famílias antigas que viveram ou vivem no município. O documentário explora aspectos históricos contados por seus moradores, trazidos através das gerações e também aborda experiências pessoais destes quando se refere a acontecimentos dos últimos cinquenta anos. Em alguns momentos, traremos passagens dessa história viva.

A pouca bibliografia deve-se também ao descaso das autoridades com o Arraial. Até o início do século XVIII Ibituruna constituiu um ponto de referência para os viajantes que caminhavam por Minas Gerais. Na travessia do Rio Grande, onde passaram os bandeirantes e foi por eles chamado Rosário Velho, construíram-se moradas e aglomerados humanos onde o comércio era bastante agitado. Nas proximidades, fazendeiros levantaram casas e cultivaram grandes plantações, movimentando também o mercado de escravos.

⁵ Em épocas passadas, eram os párocos responsáveis por efetuar quaisquer registros em localidades pequenas, como Ibituruna. Com o incêndio, muito foi perdido, inclusive o livro de batismo da Igreja. Os moradores nascidos entre 1888 e 1913 tiveram que se registrar novamente. Sobre o incêndio, nunca se soube a verdadeira causa, dizendo uns que fora acidental e outros proposital.

Sabe-se que no início dos setecentos o caminho que levava São Paulo às Minas de ouro foi modificado, criando-se um atalho entre Cruzília e Ouro Preto, passando por Carrancas, o que acarretou a redução do tráfego em Ibituruna.

A criação do atalho certamente acarretou uma diminuição do tráfego por Ibituruna, mas esta não se extinguiu por isso, pois muitos por ali passavam seguindo para Pitangui e mesmo para São João Del Rei, por haver no Rio das Mortes partes navegáveis e também por haver na Fazenda do Brumado, a mais antiga de Ibituruna, negociação de ouro e víveres de abastecimento, continuando, portanto, a movimentação na passagem do Rosário Velho. (POMPÉIA, 2011 p38).



Figura 4 – Atalho passando por Carrancas.

A descoberta de ouro no Brasil atraiu muita gente para a colônia e, principalmente, para a região mineradora. Segundo Schmidt (2005, p 56), a população do Brasil aumentou quase dez vezes em um século, passando de trezentos e cinquenta mil habitantes, em 1700, para três milhões e trezentos mil, em 1800. Ribeiro (1995, p153) diz que a mineração atraiu para o interior, nos primeiros sessenta anos, mais de trezentas mil pessoas. Para controlar a extração de ouro nas minas, no século XVIII a Coroa Portuguesa baixou um Decreto Régio proibindo a utilização de outros caminhos se não os indicados pelo Governo, os quais haveria

vistoria da mineração e recolhimento de impostos. Após a criação do desvio para Carrancas, houve uma diminuição na fiscalização da Coroa e por isso o caminho de Ibituruna também foi muito usado por contrabandistas de metais preciosos.

2.3 O patrimônio histórico de Ibituruna

Em Ibituruna, apesar de se encontrar registros sobre mineração aurífera, não houve extração abundante que conquistasse os olhares de mineradores e fizesse a localidade se desenvolver social e economicamente, como aconteceu em outras cidades históricas de Minas. O primeiro povoado mineiro sobreviveu através dos anos devido, sobretudo, às atividades agrícolas. A insuficiente mineração explica o descaso que o lugar sofreu pelas autoridades através dos séculos até sua emancipação, em 1963. “Ibituruna nasceu de um pouso, de uma roça e levou quase três séculos para se tornar urbana!” (POMPÉIA, 2011 p39). A consequência deste descaso é que muito pouco sobrou das antigas casas, igrejas, fazendas e até mesmo objetos da época colonial. O patrimônio histórico material se perdeu no tempo e o pouco que resta não está conservado como deveria. O vídeo-documentário abordará os motivos pelos quais se deram essas perdas no passado, através de uma análise crítica e realista da situação da época. Tal qual registrado na fala da Secretária Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer de Ibituruna, Maria Aparecida Andrade:

Por que eu acho que Ibituruna não desenvolveu? Eu acho que principalmente por causa da questão territorial. Primeiro que Ibituruna, apesar de estar muito próxima da área de mineração, das minas, Ibituruna não foi um pólo de Mineração.

Exemplo desta falta de reconhecimento/conhecimento dos moradores e da administração de Ibituruna para com seu patrimônio histórico pode ser percebido em um trabalho escolar em que um grupo de estudantes realiza entrevista com o então Prefeito da cidade, Francisco Braga Neto.

Ibituruna tem alguma atração turística no vosso entender?

Resposta – Tem, não muitas coisas históricas. Como atração temos a igreja do Rosário, o Marco de Sesmaria, e a pesqueira.⁶

A contradição está na data em que foi realizado este trabalho: 1979, ano que dezenas de residências com arquitetura histórica da cidade ainda estavam de pé.

⁶ Arquivo pessoal de Rosária Olímpia dos Santos.

Ibituruna somente ganhou força e começou a se desenvolver quando conquistou sua independência político-administrativa. Até 1923, a freguesia de São Gonçalo do Ibituruna era subordinada a São João Del Rei. A partir daí, quando se transformou em Distrito de Ibituruna, passou a pertencer ao município de Bom Sucesso.

Até a década de sessenta, o povo ibiturunense vivia em condições precárias. O meio de transporte mais comum era o carro de boi, quer nas fazendas ou no arraial. Para viajar a outras cidades era preciso pegar o trem ou ir a cavalo. Segundo depoimentos dos próprios moradores, a condição das estradas era péssima.

Com o passar dos anos, um ou outro caminhão já servia, acelerando mais o movimento dentro do Arraial, sendo um desses, na década de cinquenta, comprado pelo Sr. Flordelino Aguiar. Também dessa década era o antigo carro preto do Vigário, doação de Silvestre Machado; o Sr. Adalberto Teixeira, morador na Fazenda do Mato Dentro, possuía um Jeep e, algum outro desse modelo que de vez em quando circulava, era geralmente vindo de fora, como por exemplo, o do Dr. Ari Alves de Carvalho. (POMPÉIA, 2011, p.222)

O Dr. Ari, mencionado acima, era médico de Bom Sucesso. Atendeu Ibituruna durante longos anos, pois não havia na cidade hospital, posto de saúde ou mesmo profissionais da medicina. Até mesmo os fazendeiros e donos de posses tinham muitas dificuldades quando o assunto era saúde. Se alguém ficasse doente, era preciso recorrer aos médicos de Bom Sucesso ou São João Del Rei. O posto de saúde que existe atualmente na cidade (Unidade Básica de Saúde Padre José Jorge Nicolau) foi construído em 1975 por uma iniciativa do padre que dá nome ao estabelecimento e vendido à prefeitura ainda no mesmo ano. É equipado com aparelhagem e equipe médica necessária para atendimento à população. Se o caso for mais grave, os pacientes são encaminhados pela própria prefeitura para hospitais maiores e melhores.

Os meios de comunicação também eram poucos. Havia três telefones, sendo dois no arraial e um na fazenda do Mato Dentro; um telégrafo, na estação ferroviária; e uns poucos rádios⁷ espalhados pelas moradias. A televisão surgiu apenas na década de setenta.⁸ Ao longo dos anos, um meio de comunicação muito utilizado em Ibituruna foi o alto-falante da matriz,

⁷ Nessa época, a energia elétrica de Ibituruna era bastante fraca, pois utilizava um único e pequeno gerador, instalado em 1949 por José Batista. Somente em 1962 que a empresa responsável por fornecer energia ao local começou a prestar serviços à população ibiturunense.

⁸ Era comum os moradores de Ibituruna se reunirem nas casas dos proprietários de rádios e televisores para tomarem conhecimento das notícias além do arraial. Durante a Copa do Mundo de 1970, existiam apenas três aparelhos de TV na cidade. Seus donos abriam as portas de suas casas para todos os moradores que desejassem assistir aos jogos.

instalado em 1953. Através dele eram ouvidos programas de rádio, músicas, avisos à comunidade, notas de falecimento e assim por diante.

Na Casa Paroquial havia um gerador particular de energia, datado de princípios da década de 50 e quando ligado fazia um barulhão pelo Arraial todo, antes de começar a ser transmitido qualquer aviso ou música pelo alto-falante. (...) Rapazes e moças ofereciam músicas e assim o padre arrecadava sempre um pouco de dinheiro. (POMPÉIA, 2011, p242)

Ainda hoje são comunicados notas de falecimento, pertences perdidos e recados relativos à Igreja e à administração pública. As informações são ouvidas por toda a cidade, sempre com uma abertura musical antes do aviso.

Certo é que de herança da época em que os bandeirantes passaram pelo lugarejo restou apenas a denominação “Ibituruna”, sendo um dos únicos municípios de Minas Gerais que ainda conserva o nome de origem. Sobre o topônimo, ao longo do tempo existiram algumas variações devido à dificuldade dos portugueses na pronúncia de nomes indígenas. Assim, encontram-se também referências à Voturuna, Vituruna, Buturuna, Boturuna, Botrunas, Juvituruna, Itaruna⁹ e Abituruna.

Um dos cartões postais de Ibituruna é o Marco de Sesmaria, uma pedra retangular localizada na Praça dos Bandeirantes, no centro da cidade. Em 1974, sob a administração do Prefeito Sebastião Rodrigues dos Santos e do Governador Rondon Pacheco, foi no local descerrada a placa do tricentenário de Ibituruna, consagrando a esta a condição de Primeiro Povoado de Minas. Segundo a cultura popular, esta pedra teria sido colocada na passagem de Fernão Dias, como marco de referência da trilha que seguiam. No entanto, são relevantes as considerações que Pompéia (2011. p187) faz acerca do monumento:

Contudo, o que não sabe o povo e ninguém nunca procurou saber é que, se o marco foi colocado por Fernão Dias, não é de Sesmaria e sim sinal para marcar a sua passagem naquele roteiro, por exemplo. Sendo de Sesmaria, o que é mais provável, não foi colocado por Fernão Dias, pois as concessões de Sesmarias em Minas não datam dos mil e seiscentos e sim do século XVIII em diante.

Assim, ou o marco é de Sesmaria ou foi colocado pelos bandeirantes. Na zona rural do município podem ser encontradas ainda mais duas pedras similares a esta. Por coincidência ou não, elas estão geograficamente enfileiradas, como que indicando um caminho. Todas possuem uma cruz. Segundo a cultura popular, as pedras eram colocadas pelos bandeirantes

⁹ O topônimo Itaruna foi consequência de um erro gráfico na Lei nº 1663, de 16 de setembro de 1870 e por isso foi bastante usado em documentos do século XIX que se referiam à localidade.

para demarcarem trilhas, de forma que a cruz indicava a direção que a comitiva precursora tinha seguido, revelando, portanto, o caminho aos demais viajantes. Mesmo se consideramos esta a hipótese verdadeira, cabe lembrar que foi Mathias Cardoso de Almeida quem primeiro adentrou os sertões, deste modo, teria sido ele o responsável por fincar a pedra, e não Fernão Dias. O vídeo-documentário traz essa questão a tona e deixa a dúvida sobre sua resposta, pois ainda não foi realizado um estudo que comprove a verdadeira origem da pedra e, portanto, não existe resposta para tal questionamento.



Imagem 5: Marco de Sesmarias, na Praça dos Bandeirante, em Ibituruna.

Até a década de 1970, estava erguida em Ibituruna a primeira casa onde morou Fernão Dias no território mineiro, muito provavelmente pudesse se tratar também da primeira de Minas Gerais. Esta casa, que pertenceu ao Senhor José de Oliveira, morador de Ibituruna, sucumbiu ao tempo e foi demolida. O documentário traz depoimentos de pessoas que conheceram a casa. Segundo informações do filho do proprietário, Sebastião de Oliveira, o prefeito que administrava a cidade na época, Sebastião Rodrigues dos Santos, fez um pedido ao dono para poder retirar as telhas da casa e reaproveitá-las na Praça dos Bandeirantes que estava sendo construída em homenagem ao Marco de Sesmarias¹⁰. A casa já se encontrava em péssimo estado de conservação. Assim foi feito. Logo após a retirada do telhado, os próprios moradores de Ibituruna começaram a carregar as coisas que havia ali. Existia também uma lenda de que uma bacia de ouro estaria enterrada debaixo da residência, o que motivou os ibiturunenses a assolarem a casa.

Assim como a casa de Fernão Dias, muitas residências foram destruídas após a década de 1970 para que casas mais modernas ocupassem seus lugares. No Largo da Matriz de São Gonçalo do Amarante, que antigamente abrigava dezenas de casas em estilo colonial, existem

¹⁰ Nesta data, a família do senhor José de Oliveira não residia mais na casa.

hoje apenas três residências que conservam as características daquele tempo: a Casa da Teté, o Casarão das Moças e a casa do Senhor Miguel Machado. As outras que estão ali, ou são construções do século XX, ou tiveram sua fachada modificada. A data de edificação destas casas coloniais é bastante incerta, porém pelo estilo e pela análise da árvore genealógica dos proprietários pode-se avaliar aproximadamente o período de suas construções.

A casa da Teté foi construída por Emerenciano Alves de Andrade na parte inferior da Praça Fernão Dias, de frente para a Matriz de São Gonçalo, em meados do século XVIII. A última moradora foi Terezinha de Andrade (Teté), neta do construtor. Esta faleceu em 2000, deixando a casa de herança para seus irmãos, que posteriormente venderam-na para a Prefeitura. Em



Imagem 6: Casa da Teté

2006, realizou-se o tombamento do prédio e, posteriormente, a restauração do telhado. Este ano terá início também a restauração do restante da casa. Além disso, existe um projeto para transformá-la no museu histórico de Ibituruna.

O Casarão das Moças foi construído no século XVIII, provavelmente por Manoel Antônio Machado. Em tempos recentes, o quintal desta casa abrangia todo o quarteirão. O nome é devido às últimas moradoras: Zilda, Ester, Maria e Anita, filhas de Avelino Andrade. Todas quatro ficaram solteiras até o fim da vida. Quando a última das irmãs faleceu, em 2005, deixou o casarão aos



Imagem 7: Casa das Moças

cuidados da Paróquia como herança a São Gonçalo do Amarante. Foi esta casa local de veneração da imagem do padroeiro antes da construção da Capela de São Gonçalo.

A casa do Senhor Miguel Machado data do século XIX, construída pelo avô deste, Silvestre Machado. Trata-se de um casarão grande que está um patamar acima das casas vizinhas. É a única casa que preserva suas características coloniais e que ainda reside o proprietário.



Imagem 8: Casa de Miguel Machado

Todas as residências citadas acima, bem como a maioria das casas que existiam no Largo da Matriz até a década 1970 pertenciam aos descendentes da família Machado. Estas casas eram utilizadas somente em épocas de festas, quando as famílias dos fazendeiros se mudavam para o arraial, geralmente no mês de janeiro, com o propósito de participar das festividades. Um dos primeiros moradores de Ibituruna foi José Peixoto Louzada, casado com Quitéria Machada, quem, provavelmente, construiu a Fazenda do Brumado em fins do século XVII ou início do século XVIII, constituindo a primeira fazenda de Ibituruna e uma das primeiras de Minas Gerais, se não a primeira.

A fazenda do Brumado, em tempos passados, foi núcleo de abastecimento aos viajores, fornecendo cereais, aves e porcos, além da fabricação de farinha que se comercializava em São João Del Rei e outros lugares. Grande Núcleo de mineração, houve ali exuberante movimento de mineradores, possuindo a Fazenda inúmeros escravos. Dessa época, até hoje lá se encontram os grandes regos que conduziam a água para a apuração do ouro. (POMPÉIA, 2011. p102).

Esta fazenda sempre pertenceu à família Machado e, por isso, ficou conhecida como Fazenda dos Machados. A sede foi vendida pelos herdeiros de Adalberto Andrade¹¹, em 1986, e demolida pelo comprador para aproveitar o madeiramento¹². O documentário apresenta a entrevista de Sebastião Alves de Carvalho, filho de Adalberto, na qual ele justifica a venda dizendo que a família não tinha condições financeiras para cuidar da casa, que estava bastante depreciada.

Na zona rural de Ibituruna ainda estão edificadas muitas fazendas que foram construídas nos séculos XVIII, XIX e princípio do século XX, podendo listar a Fazenda São Miguel, Fazenda do Rocha, Fazenda da Serra, Fazenda do Campo Limpo, Fazenda Água Suja¹³, Fazenda da Mantiqueira, Fazenda do Mato Dentro, Fazenda da Barra, Fazenda do Córrego Fundo, Fazenda da Canoa, Fazenda Floresta e Fazenda Paraíso, além de outras não citadas. Algumas dessas passaram por reformas as quais os proprietários buscaram preservar as características originais. A Fazenda Santa Helena foi transformada em Hotel Fazenda, há alguns anos.

¹¹ Quarta geração de Manoel da Silva Machado, descendente de Quitéria Machada.

¹² Muitas casas de Ibituruna foram compradas por negociantes de fora da cidade que as desmancharam para revender a madeira dos portais e telhado. Existem indícios que algumas das fazendas demolidas foram reconstruídas em lugares que investiam em turismo histórico, como Tiradentes.

¹³ Foi construída em meados do século XIX em forma de L. Seu último dono foi Zoroastro Andrade, casado com Geralda Vivas, que doou em testamento a Fazenda à Santa Casa de Bom Sucesso. Atualmente está sob proteção do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA).

A própria Igreja Matriz foi bastante descaracterizada ao longo dos anos devido às várias reformas realizadas pelos párocos, em especial Pe. José Jorge Nicolau (de 1952 a 1999) e Pe. Rogério Antonio Zanolla (de 2000 até os dias atuais). A Carta de Sesmaria da Capela de São Gonçalo do Amarante é datada de 1764, no entanto, o historiador Sebastião de Oliveira Cintra (1982) faz referência a um batizado que teria sido realizado na mesma em 1740. A única característica original que ainda resta é o altar da igreja, recentemente restaurado. E a imagem de São Gonçalo, que foi trazida, provavelmente, pelos Bandeirantes.



Figura 9: Imagem primitiva de São Gonçalo do Amarante, trazida pelos portugueses.

Nesta Igreja se comemora todos os anos a festa do padroeiro, realizada no último fim de semana de janeiro. Já se tornou tradição realizar a Novena de São Gonçalo do Amarante, ideada pelo pároco Rogério. Durante dez dias a igreja se enche de fiéis que reverenciam o santo através da Congada e da Folia de Reis. Essas músicas fazem parte da trilha sonora do documentário. As ruas se enchem de barraquinhas que comercializam bebidas, comidas e apetrechos. Também são oferecidos shows em praça pública à comunidade, patrocinados pela Prefeitura Municipal.

Já a Igreja de Nossa Senhora do Rosário ainda conserva bastantes das características da época de sua construção, apesar de muito do seu acervo (como pias batismais, madeiras e quadros) ter sido vendido pelo pároco responsável, José Jorge Nicolau.

Muito pouco se sabe sobre a Capela de Nossa Senhora do Rosário, de Ibituruna. Apenas uma referência feita por um documento do Arquivo Histórico Ultramarino que dia sobre um pedido que a “corporação de homens pretos” devotos fez à Sua Alteza, em 1808 (?), pedindo licença para que se procedesse a construção de uma capela em honra à Nossa Senhora do Rosário, pois sua imagem era venerada em um altar da Capela de São Gonçalo. (POMPÉIA, 2011. p73).

A Igreja ficou abandonada pela administração pública por mais de dez anos até que na década de 1970 passou por uma grande reforma, sob os cuidados do Padre José e apoio da

Prefeitura Municipal, sob administração de Sebastião Rodrigues dos Santos. A esposa deste, Rosária Olímpia dos Santos é desde 1960 a zeladora da igreja. Esta função foi herdade de sua mãe, Olímpia Guimarães, que cuidava da preservação e manutenção da mesma desde 1913.

Nessa ocasião, pretendiam substituir as telhas coloniais por telhas francesas sendo feito os reparos do reboco e retirada da pintura da imagem de N. Sra. do Rosário no teto e da amurada de madeira (cancelo) que dividia a nave central sendo também retirado o assoalho de madeira e assentado pisos de cerâmica assim como retiradas as pias batismais deixando dois buracos nas paredes que depois foram revestidos de tijolos. Essa reforma (...) foi concluída em 24 de agosto de 1978. (VILELA, 2006 p19)

No ano de 1999, o forro da igreja se encontrava bastante estragado e foi por isso submetido à outra reforma, financiada pela prefeitura na administração de Herbert Teixeira, que acabou por retirar a tela pintada a mão que enfeitava o teto da capela.

Nesta igreja é realizada no último final de semana de junho a festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Não há registros oficiais sobre o ano em que teve início esta comemoração. Trata-se de uma festa de origem afrodescendente que, segundo a cultura popular, é realizada há aproximadamente duzentos e cinquenta anos, antes mesmo da construção da capela. Congadeiros e Moçambiqueiros da região, bem como os da própria cidade, fazem apresentações em honra a Nossa Senhora do Rosário. Assim como a festa do padroeiro, esta apresenta dezenas de barraquinhas que comercializam nas ruas todos os tipos alimentos, bebidas, roupas e apetrechos. O documentário abordará esta festa, como exemplo de patrimônio cultural da cidade, além de retratar a religiosidade dos cidadãos.

Também é patrimônio cultural de Ibituruna a Igreja de São Sebastião, construída na década de 1930 com auxílio financeiro de fiéis da comunidade. O terreno em que a igreja foi construída, na Estação (atual bairro São Sebastião), foi doado por José Batista de Carvalho, um dos incentivadores da construção. Atualmente a Igreja está bastante descuidada por falta de recursos financeiros. Há menos de dez anos ainda se realizava nesta capela, em outubro, a festa de Nossa Senhora Aparecida e São Sebastião.

No mesmo bairro está a Estação Ferroviária, inaugurada em 1885 na expansão da Rede Mineira de Viação (RMV), pela Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM). A ferrovia ligava Sítio¹⁴ (atual Antônio Carlos), último ponto da Estrada de Ferro Dom Pedro II, a Aureliano Mourão (distrito de Bom Sucesso), onde a estrada era dividida em dois ramais, um que seguia para Oliveira e outro para Ribeirão Vermelho.

¹⁴ Esta ferrovia seguia para o Rio de Janeiro.

A tração a vapor entre Aureliano Mourão – Ibituruna – Nazareno - São João Del Rei – Tiradentes – Sítio (Antônio Carlos), num percurso de aproximadamente 200 km foi erradicado em 1984, restando apenas os doze quilômetros do turismo ferroviário entre Tiradentes e São João Del Rei.

Um pouquinho abaixo da Estação de Ibituruna, lá se encontra solitária em meio ao matagal, a Ponte do Inferno. Esta fica sobre o Rio das Mortes, na localidade onde há a Corredeira do Inferno. Os trilhos que atravessavam o rio, aí não tinham nenhuma proteção lateral, tendo havido no passado um acidente, cuja tragédia maior foi, segundo os “causos”, não haverem nunca encontrado os corpos e nem os vestígios dos vagões caídos no fundo do rio. (POMPÉIA, 2011 p226)

A estação de Ibituruna passou recentemente por reformas realizadas pela prefeitura municipal para restauração e ampliação do local, tornando-o ponto turístico na cidade.



Figura 10: Estação de Ibituruna antes da reforma.



Figura 11: Estação de Ibituruna após a reforma.

Nos últimos anos, principalmente sob a administração do prefeito Francisco Antônio Pereira (2006-2012), houve maior conscientização do poder público referente à conservação do patrimônio histórico, natural e artístico de Ibituruna. Atualmente existem treze bens culturais¹⁵ tombados e sob proteção do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA). São eles: Estação Ferroviária, Igreja Nossa Senhora do Rosário,

¹⁵ Fotos nos anexos.

Igreja São Sebastião, Marco de Sesmarias, cinco Passinhos¹⁶, Praça dos Bandeirantes¹⁷, Casa da Teté, Fazenda Água Suja e Praça Fernão Dias. O documentário irá mostrar tais imóveis e abordará, através das falas da secretária municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer, o que o poder público tem feito para proteger o patrimônio histórico de Ibituruna.

No Brasil existem várias instituições de proteção do patrimônio, como o IPHAN, SPHAN e Fundação Pró-memória, que se preocupam principalmente com a preservação dos bens materiais, embora saibamos que já exista a preocupação na conservação da cultura, costumes da sociedade:

Atualmente, há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos. (TODOROV, 2002 p.11)

Uma das intenções deste trabalho, que é percebida durante o decorrer do documentário, pauta-se justamente em verificar a atuação das instituições governamentais no que se refere à proteção do patrimônio histórico de Ibituruna, abordando suas competências, em especial da Prefeitura Municipal, e relatando as consequências dos atos, ou “não-atos” do poder público.

2.4 O documentário como forma de expressão

O documentário surgiu como um gênero cinematográfico marcado, fundamentalmente, pelo compromisso com a realidade. Trata-se de um instrumento que investiga e retrata fatos, acontecimentos e histórias que, para o autor, merecem ser investigados mais a fundo. A ligação entre o ato de documentar e o fazer jornalístico diário está, portanto, no fundamento essencial de averiguação da verdade.

¹⁶ Fazem parte de uma tradição muito antiga de Minas Gerais trazidas pelos portugueses. São pequenas capelas ou oratórios para visitação de fiéis, distribuídos e localizados em diversas ruas do município em número de sete que representam através de seus altares, imagens e pinturas os episódios da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo a caminho do calvário encenado durante as celebrações da Semana Santa.

Foram construídos em alvenarias com telhados de telhas capa e bica, porta de madeira e uma cruz encimada no frontão. Os trabalhos de construção foram iniciados em 1949 pelo Pe. José Jorge Nicolau, idealizador e incentivador da obra, objetivando as festividades da Semana Santa. (VILELA, 2006 p13).

¹⁷ A Praça dos Bandeirantes, outrora Largo do Rosário, possui elementos evidentes que caracteriza a formação dos arraiais de Minas: marco de sesmaria, construção de um Cruzeiro perpetuado no decorrer dos anos e edificação de uma capela em ponto elevado, tendo ao seu entorno o surgimento de algumas residências com afluência de gente, sobretudo aos domingos, onde ali os religiosos iam ter celebrados missas, fazendo batizados e casamentos. (VILELA, 2006 p09).

No entanto, o documentário é sempre mais aprofundado que a reportagem já que despende mais tempo de produção e não depende do *dead line* das redações.

Diante do caráter superficial dispensado pelos média, o documentário, mesmo com seu alcance ainda em expansão, tem se apresentado como um espaço privilegiado onde o debate sobre os diversos matizes que constituem a sociedade brasileira acontece dissociado das regras da imprensa. (SOUZA, 2009. p12)

Souza afirma que a ausência de compromisso com o tempo para finalizar a matéria faz com que o documentarista estabeleça vínculo mais estreito com os personagens.

Em contrapartida, Grazinoli¹⁸ descreve que a “verdade verdadeira” nunca é mostrada em um documentário, pois está embutido neste os valores e visões do autor, desde a escolha do tema até a edição final.

O documentarista trabalha com a sua verdade, buscando mais interpretar o mundo do que revelar alguma verdade factual ou fundamental. Tudo o que aparece num documentário passa pelo olhar do realizador, pelo seu filtro pessoal: o que decide filmar, como decide filmar, por que decide filmar, o que coloca e o que tira do material na montagem, a música que utiliza, o silêncio, o depoimento que corta ou resolve manter, a voz que oferece a um narrador. Tudo isso é manipulado pelo documentarista, que, consciente ou inconscientemente, sempre revela seu ponto de vista. A imparcialidade total é impossível.

O documentário é, portanto, uma forma mais abrangente da reportagem jornalística, na qual o autor tem a possibilidade de extravasar sua opinião no produto final. Grierson (2004, *apud* Salles, 2005, p66) confirma esta consideração ao dizer que “o documentário é o tratamento criativo da realidade”.

O gênero documentário transforma-se, portanto, na melhor forma para abordar este tema. Elaborando-se um roteiro que apresenta a narrativa em primeira pessoa através de um olhar crítico. Principalmente por estar envolvida emocionalmente com o tema, por ser o município a terra natal da autora.

Segundo Platinga (1997, *apud* Salles, 2005. p.66) o documentário se apresenta como instrumento legítimo de retórica. Para ele, não se trata de um espelho da realidade, mas sim de uma forma de reprodução desta realidade.

A justificativa deste trabalho documental se dá pela relação tripolar entre documentarista, documentado e espectador que descreve NICHOLS (2005. p44):

¹⁸ Publicação no portal Tela Brasil, com consultoria de conteúdo do cineasta João Moreira Salles.

Eu falo – ou nós falamos – de nós para você. Essa formulação desloca o cineasta da posição em que estava separado daqueles a quem representa para uma posição de unidade com estes últimos. O cineasta e aqueles que representam seu tema pertencem ao mesmo grupo. No cinema antropológico, a mudança para essa formulação recebe o nome de “auto-etnografia”: refere-se ao empenho de povos indígenas em fazer filmes e vídeos sobre sua própria cultura, de forma que possam representá-los para “nós”, os que estão de fora. Os índios caiapós da bacia do rio Amazonas são excepcionalmente ativos nessa prática; usam seus vídeos para influenciar políticos brasileiros, em defesa de políticas que protejam sua terra natal do desenvolvimento e da exploração.

Nesta perspectiva, nada mais propício do que o documentário para relatar a história do primeiro povoado mineiro pelas lentes de uma jornalista natural da localidade. Busca-se a verdade do acontecido, no entanto, utiliza-se também a visão do autor sobre o mesmo.

Assim o presente trabalho áudio-visual encontra-se dividido em três blocos. Primeiramente iremos abordar a história de Ibituruna, contrastando a cultura popular com a história relatada em documentos oficiais. Na segunda parte, falaremos sobre o descaso que o lugar sofreu durante os séculos XIX e XX, quando pertencia à São João Del Rei e a atual situação do município no que tange a investimentos do poder público. E por último exemplificaremos tais cuidados relativos ao patrimônio histórico do local abordando a festa de Nossa Senhora do Rosário.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

3.1 Pré-produção

A construção deste trabalho começou com a definição do tema e qual formato seria utilizado para a abordagem. No caso, o tema escolhido foi a cidade de Ibituruna e o formato, o vídeo-documentário. Por se tratar da cidade natal da autora, muito já se sabia a respeito da história, rotina e crenças da população local, o que facilitou o trabalho de pesquisa.

A decisão de se realizar este trabalho se deu em junho de 2010, mês de realização da festa do Reinado em Ibituruna. Esta festa acontece apenas uma vez ao ano se faz muito importante para retratar a religiosidade e tradição da população presente na cidade. Considerando-se o tempo disponível para realização e apresentação do trabalho, o mesmo teve início, antes de qualquer pesquisa bibliográfica, com as filmagens deste evento.

Em conjunto com a professora orientadora do trabalho, decidiu-se por realizar o restante das filmagens durante o período de férias da Universidade Federal de Viçosa, entre

dezembro (2010) e fevereiro (2011), posto que o Departamento de Comunicação Social não dispõe de aparelhagem suficiente para subsidiar todos os alunos e que, neste caso, seria necessário a locomoção e permanência dos equipamentos em outra cidade.

O segundo semestre de 2010 foi, portanto, dedicado à pesquisa bibliográfica sobre a origem de Minas Gerais e, conseqüentemente, de Ibituruna. Esta etapa se tornou um pouco trabalhosa por não haver documentos específicos que abordassem o tema Ibituruna. O que existe são autores que fazem referência ao local sem, contudo, haver especificações esmiuçadas sobre o mesmo. Também se buscou em jornais antigos notícias sobre a localidade. Aqui, é necessário destacar o incentivo e auxílio obtido por um morador de Ibituruna que coleciona objetos e jornais relacionados à cidade, Sebastião Alves Dias.

Feita esta pesquisa mais geral sobre o tema, foi preciso afinar a abordagem, pois seria impossível relatar todos os acontecimentos ao longo de mais de três séculos em um vídeo. Optou-se, portanto, por concentrar-se no patrimônio histórico da cidade: que existia, o que se perdeu e o que ainda permanece. Procuraram-se, então, livros e artigos sobre definições e conceitos de patrimônio histórico e cultural. Nesta etapa foi de fundamental importância o auxílio da secretária de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer de Ibituruna, Maria Aparecida Andrade, que forneceu dados sobre os bens tombados e inventariados da cidade e também disponibilizou o arquivo fotográfico da Secretaria para ser usado no trabalho.

Durante a fase de pesquisa, a autora também buscou fontes que pudessem contar a história da cidade com propriedade e que tivessem relatos pessoais sobre os momentos que seriam abordados no vídeo-documentário, como, por exemplo, a emancipação de Ibituruna. Também se buscou fotografias antigas da cidade e do patrimônio da mesma.

Em janeiro de 2011, foi lançado o livro *Memória Histórica de Ibituruna, Primeiro Povoado Mineiro*, de autoria de Maria do Rosário de Pompéia. Este livro muito ajudou na finalização e confirmação de alguns dados sobre o tema, pois se trata do primeiro livro que aborde a história da cidade.

Paralela à pesquisa sobre o tema abordado, foi feita também uma pesquisa sobre o formato a ser utilizado – o audiovisual, mais especificamente, o vídeo-documentário. Para isso, foram estudados enquadramentos, ângulos, como deveria ser feita a abordagem com os entrevistados e qual a linguagem adequada para ser utilizada. Para aprimorar a visão da autora sobre o tema, foram assistidos diversos filmes desse gênero, sobre variados temas, não necessariamente históricos. Após esta pesquisa prática, decidiu-se por realizar um

documentário apenas com relatos pessoais dos personagens, sem a presença do narrador. Para criar maior familiaridade entre os telespectadores. No entanto, no decorrer do processo, optou-se por utilizar o narrador personagem.

3.2 Produção

A produção de um vídeo-documentário sobre acontecimentos de uma cidade é bastante complexa, pois é necessário acompanhar o calendário de festas e eventos da mesma. Por isso, foram necessárias várias viagens à Ibituruna, para capturar imagens que, por mais que sejam usadas rapidamente no trabalho, fariam muita falta se não aparecessem em momento algum.

Como já foi mencionado, a produção do vídeo-documentário teve início antes mesmo da pesquisa bibliográfica, em junho de 2010, na filmagem da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Viajamos com os equipamentos e permanecemos na cidade durante os dias 25, 26 e 27 daquele mês. Foram capturadas imagens noturnas e diurnas que retratassem a festa e a religiosidade. Como ainda não havia um roteiro pré-estabelecido, foram utilizadas duas fitas mini-DV com imagens de todos os tipos.

A segunda etapa de produção foi realizada em dezembro, entre os dias 23 e 29. Nestes dias foram realizadas entrevistas e a equipe percorreu as fazendas da região para capturar imagens das mesmas.

A terceira etapa de filmagens aconteceu entre os dias 25 e 31 de janeiro, quando foram capturadas imagens da festa do padroeiro (dias 28, 29 e 30) e outros depoimentos de ibiturunenses que permeiam o vídeo.

Com o fim desta etapa, faltaria somente o depoimento de Maria do Rosário de Pompéia, autora do livro *Memória Histórica de Ibituruna, Primeiro Povoado Mineiro*. No roteiro inicial, ela seria a “linha guia” do documentário, esclarecendo pontos sobre a história da cidade, substituindo, assim, o papel do narrador. No entanto, após muitas tentativas de contato com a entrevistada, em abril de 2011 a mesma relatou a autora que não participaria mais do documentário. Tornou-se necessário, portanto, a construção de um novo roteiro. Optou-se pela inserção da autora na história, como personagem – jornalista, filha de Ibituruna – utilizando-se a narração em primeira pessoa. Com este novo roteiro, foi preciso a captura de novas imagens que pudessem cobrir as falas da narradora. Foi necessário, portanto, mais uma etapa de filmagens.

A quarta, e última, etapa de filmagens aconteceu entre os dias dois e sete de maio de 2011. Foram capturadas imagens de arquivos e de construções históricas de Ibituruna, bem como entrevista com a secretária de Turismo, Esporte, Cultura e Lazer municipal e com o pároco da cidade.

3.3 Pós-produção

Análise do material

Após a captura de todas as imagens, e com a adição de duas novas entrevistas, começou o trabalho de análise das imagens e depoimentos para montagem do roteiro final. Devido à extensão do tamanho do material bruto e dos imprevistos de último momento, não houve tempo hábil para decupagem completa de todo o material. Foram transcritas para o papel apenas as cenas que entrariam no vídeo-documentário.

Neste trabalho foram utilizadas 10 fitas mini-DV. Para facilitar o trabalho de escolha de cenas, estas foram nomeadas de acordo com o conteúdo relatado pelo entrevistado. Por exemplo: “fundação”, “emancipação” entre outros.

Roteiro Final

Após a escolha do material que seria utilizado, montou-se o roteiro final. Como já foi dito, o narrador estabelece uma narrativa participante, inserindo-se no contexto e atuando como personagem na história. O papel do narrador é também de estabelecer ligações entre os assuntos e os entrevistados. O roteiro final está nos anexos.

Edição e finalização

Com a estrutura básica da narrativa pronta, e o roteiro pré-definido, partiu-se para o processo de edição. Foram selecionadas partes dos depoimentos que melhor se adequavam aos temas, de modo que a narrativa seguisse um caminho retilíneo e constante. Preocupou-se em mostrar cenas que retratassem momentos históricos (através de fotografias) e momentos atuais de Ibituruna. Dessa forma, foram inseridos enquadramentos diversos com o objetivo de completar a fala dos personagens, bem como do narrador. Também foram utilizadas cenas de Ibituruna como recurso para que não houvesse corte seco nos depoimentos junto a um mesmo personagem. Durante esta fase aconteceram algumas adaptações no roteiro, principalmente quanto ao tempo das falas.

Houve também preocupação quanto à trilha sonora a ser utilizada. Em muitos momentos, optou-se por fazer uso do som ambiente das gravações, pois retratavam com

fidelidade o cotidiano da cidade e das fazendas, principalmente no que diz respeito à tranqüilidade vivida no dia-a-dia em uma pequena cidade interiorana. Também optou-se por utilizar composições dos próprios cidadãos ibiturunenses, sejam elas cantadas pelos fiéis da igreja, seja pela congada ou mesmo pela corporação musical da cidade. Foi utilizada uma música sertaneja no início do documentário, para localizar o público sobre a prevalência deste estilo musical e cultural em Ibituruna. Outra música sertaneja foi utilizada no encerramento do vídeo.

A escolha da fonte também foi outro ponto que recebeu atenção da autora. Procurou-se usar estilos tipográficos que remetessem ao passado, lembrando o regionalismo e a tradição, mas que também fossem modernos, sem prejudicar a leitura dos créditos e legendas. Este ajuste foi encontrado na combinação de duas fontes: uma sem serifa (DIN) em caixa alta, e outra com serifa (Garamond) em caixa baixa. Optou-se por identificar os entrevistados apenas pelos nomes, sem que fosse necessário um complemento. Apenas em alguns casos optou-se por colocar a profissão do personagem, por exemplo, da Secretária de Turismo e Cultura de Ibituruna. Essa opção de créditos cria aproximação entre o público e o documentário, que não verá nos entrevistados as profissões que exercem, mas sim o ibiturunense enquanto cidadão. Nas legendas, as palavras que exercem maior peso na oração são destacadas das demais, de forma a facilitar o entendimento da idéia principal da frase.

3.4 Informações técnicas e de utilização do produto

A versão final do vídeo-documentário “Casos, descasos e causos de Ibituruna” tem, aproximadamente, 33 minutos de duração. O formato de vídeo permite a exibição em computadores e aparelhos de DVD. O áudio é estéreo e o formato de tela 3:4.

O documentário em questão é trabalho experimental, desenvolvido em um meio acadêmico e não possui caráter comercial. Ele foi concebido dentro de um objetivo educacional e seu uso deve respeitar as premissas anteriormente citadas.

3.5 Ficha técnica

Imagens

Nízea Coelho

Éverton Oliveira

Erlei Peixoto

Apoio

Stella Andrade Coelho

Ana Gabriela Resende
 Isabel Cristina de Andrade Coelho
 Diego Francis dos Santos Andrade
 William da Silva Coelho
 Tássio Coelho Andrade
 Neidson Fabiano Andrade Silva

Produção / Direção / Roteiro / Edição

Nízea Coelho

Arte

Nízea Coelho
 Renata Romeiro

Orientação

Professora Soraya Maria Ferreira Vieira

3.6 Orçamento

PRODUTO	QUANTIDADE	VALOR (R\$)
Viagens (ida e volta)	4	450,00
Fitas mini DV	10	100,00
DVDs	6	6,00
Capa para DVD	3	4,30
Impressão de capa para DVD	3	6,00
Impressão de adesivo para DVD	3	5,00
TOTAL		571,30

OBSERVAÇÃO¹: todos os custos foram bancados pela autora do documentário.

3.7 Equipamentos e softwares

Gravação

Uma câmera de gravação em vídeo, modelo Sony HVR – HD 1000N

Um microfone modelo Shure SM58

Um microfone de lapela Sony modelo URX-P2

Dois tripés modelos Velbon e Manrotto 351MVB2

Um tripé em alumínio para iluminação.

Dez fitas Sony mini DV.

Um refletor de luz branca.

Uma iluminação LED modelo Sam. Sung Prolite TV.

Captura

Uma câmera Panasonic, modelo AG-DVC80

Um cabo Mini Firewire MAXPRINT 4pin macho x 4pin macho

Um notebook Dell modelo Inspiron 1545.

Captura, edição e finalização (softwares)

Adobe Premiere CS3

Canopus Edius 5.10

Audacity 1.3 Beta

OBSERVAÇÃO²: Os equipamentos para gravação (com exceção das fitas), a câmera e o cabo para captura foram emprestados do curso de Comunicação Social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira impressão que as pessoas têm quando conhecem Ibituruna é de ser apenas mais uma pequena cidade do interior, que, considerando-se sua população e área territorial, não deveria nem mesmo ser município e sim povoado. No entanto, esta cidade tão pequena possui uma história intensa e que precisa ser divulgada e conhecida.

Este trabalho é apenas um fragmento do que ainda tem para ser contado. A multiplicidade de assuntos foi uma dificuldade encontrada durante a realização do mesmo. O que abordar? Como abordar? Optamos por concentrar no patrimônio histórico, mas ainda há que se fazer muitos documentários, livros, artigos entre outros sobre a cidade que abordem tradições, folclore, religiosidade, economia, desenvolvimento, educação. Tudo isto faz parte da história deste lugar e infelizmente não podemos abordar todos estes assuntos em apenas um documentário.

Um objetivo deste trabalho foi relatar um problema sofrido por muitos municípios pequenos espalhados pelo Estado: o descaso do poder público na conservação do patrimônio cultural da localidade. Durante o processo, foi importante a presença participativa do narrador, para trazer ao documentário críticas sobre alguns pontos que merecem maior

atenção. Como exemplo, a culpa que cai sobre os proprietários de fazendas que as venderam por um preço bem abaixo do mercado para serem destruídas logo após a compra.

Este trabalho não tem a pretensão de ser um vídeo-propaganda de Ibituruna, mas sim de abordar questões mal esclarecidas sobre a história da cidade, mostrar a importância da preservação do patrimônio histórico e também se tornar um registro para interessados no assunto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. *Capítulos da História Colonial*. Rio de Janeiro. 2009. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2074> Acesso em: 29 abr. 2011.

ARQUIVO fotográfico da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil**; História da Província Santa Cruz, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Disponível em <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/TRATADO_DA_TERRA_DO_BRASIL,_DE_PERO_DE_MAGALHAES_GANDAVO.pdf> Acesso em: 28 abr 2011.

GRAZINOLI, Henry. O documentário e a verdade: eis a questão. **Portal Tela Brasil**. Disponível em: <<http://www.telabr.com.br/oficinas-virtuais/texto/165#>> Acesso dia 03 mai. 2011.

HEYMANN, Luciana. **O "devoir de memoire" na França contemporânea**: entre a memória, história, legislação e direitos. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006

LEAL, Barbosa. Carta ao Conde de Sabugosa, vice-Rei do Estado do Brasil. *apud* SETÚBAL, Paulo. **O sonho das esmeraldas**. 3. ed. São Paulo: Saraiva Livreiros Editores, 1956. p 2.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes (1714-1777), **Notícias das minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Capitania**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. Coleção: Reconquista do Brasil; nova série; v. 27.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

PLATINGA, Carl. Rhetoric and representation in Nonfiction Film. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997. p2. *apud* SALLES, João Moreira. A dificuldade do Documentário In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Cauby (orgs.). **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. Bauru-SP:EDUSC, 2005. P 57-71.

POMPÉIA, Maria do Rosário de. **Memória Histórica de Ibituruna**: Primeiro Povoado Mineiro. São João Del Rei: Imprimax, 2011.

RIBEIRO, Almir. O caminho velho do ouro. **CLIO História**. Disponível em <http://www.cliohistoria.hpg.ig.com.br/bco_imagens/caminouro/caminho2.htm> Acesso em: 29 abr 2011.

RIBEIRO, darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**, 2ªed. 1995.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova História Crítica: ensino médio: volume único**. 1ª ed. São Paulo: Nova Geração, 2005.

SETÚBAL, Paulo. **O sonho das esmeraldas**. 3. ed. São Paulo: Saraiva Livreiros Editores, 1956.

SOUZA, Gustavo. Fronteiras (in)definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo. **Doc On-line**, n.06, Agosto 2009, pp. 158-172. Disponível em: <www.doc.ubi.pt> Acesso em: 02 mai. 2011.

TODOROV, Tzvetan. Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX. São Paulo: ARX, 2002.

VILELA, Márcio Salviano. **O Patrimônio Histórico e Cultural de Ibituruna: o mais antigo lar da Pátria mineira**. Prefeitura Municipal de Ibituruna. 2006.

VILLANUEVA, A. **Os marcos geográficos como referências na ocupação do território paulista: o caso do morro do Lopo e os núcleos urbanos no “Caminho de Atibaia”, no século XVII**. Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade. n.2 – set./dez. 2007.

ZANIN, Luiz. Eduardo Coutinho: ele não filma black-tie. **Estadão.com.br/blogs**. 19 julho, 2009. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/luiz-zanin/eduardo-coutinho-ele-nao-filma-black-tie/>>, Acesso em: 14 dez. 2010.

Links

Explicação do Caminho Velho.
<<http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/UnivlerCidades/Hist%C3%B3ria/imagens/111100002%20Explica%C3%A7%C3%A3o%20do%20Caminho%20Velho.JPG>>
Acesso em: 26 abr. 2011.

HISTÓRIA.
<<http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/UnivlerCidades/Hist%C3%B3ria/imagens/hist0001.html>> Acesso em: 26 abr. 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
<http://biblioteca.ibge.gov.br/dtbs_resultado.php>, acessado em 25 abr de 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mg#>>, acessado em 03 abr de 2011.

Mapa de Minas Gerais.
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/photo.php?lid=233>

MERCANTILISMO. Sua Pesquisa.com <<http://www.suapesquisa.com/mercantilismo/>>
Acesso em: 26 abr. 2011.

O Caminho Novo.
<<http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/UnivlerCidades/Hist%C3%B3ria/imagens/hist0001.html>> Acesso em: 26 abr. 2011.

Rota de Fernão Dias Paes.
<http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/historia/modulo01/fernao_dias.html#imagem5-12-amp.html> Acesso em: 25 abr. 2011.

Arquivos pessoais:

ARQUIVO de Esmênia Resende.

ARQUIVO de Rosária Olímpia dos Santos – trabalho escolar realizado pelos alunos Beatriz Nicolau, Nancy Silva, Dirceu Reis Flores, José dos Reis Tabanês e Erley de Oliveira. 1979.

ARQUIVO de Sebastião Alves Dias.

ARQUIVO fotográfico de Doralice Coelho Teixeira.

ARQUIVO fotográfico de Rosária Olímpia dos Santos.

6. ANEXOS

6.1. Entrevistados

Os depoimentos de ibiturunenses foram elementos essenciais para compor a narrativa do documentário. A seguir, estão listadas as fotografias com os respectivos nomes dos entrevistados, em ordem alfabética.



1. Andréa Mata Teixeira Siqueira

Professora.



2. Andressa Andrade Pereira Teixeira e Maria Eduarda Silva Freire

Estudantes.



3. Celeste Maria Rodrigues e Maria José de Carvalho Andrade

Moradoras.



4. Heitor Camilo dos Santos

Professor.



5. Igor Gonçalo Dias

Estudante.



6. Inácia Lúcia Braga

Professora.



7. Isabella Machado Andrade

Estudante.



8. Léa Andrade

Moradora.



9. Maria Aparecida Andrade

Secretária municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer.



10. Maria de Lurdes Costa

Moradora.



11. Maria Rita da Silva Navega

Estudante.



12. Miguel Machado

Morador.



13. Pedro Ramos da Silva

Morador.



14. Rogério Antônio Zanolla

Pároco da cidade.



15. Sebastião Alves de Carvalho

Morador.



16. Sebastião Alves Dias

Morador.



17. Vera Alice A. Flores Braga

Professora.

6.2. Bens tombados¹⁹



1. Estação Ferroviária



2. Praça dos Bandeirantes



3. Casa da Teté



4. Igreja São Sebastião

¹⁹ Os cinco “passinhos” da cidade também integram a lista de bens protegidos.



5. Fazenda Água Suja



6. Marco de Sesmaria



7. Igreja de Nossa Senhora do Rosário



8. Praça Fernão Dias

6.3. Termo de autorização de uso de imagem²⁰

Universidade Federal de Viçosa
 Departamento de Artes e Humanidades
 Curso de Comunicação Social/Jornalismo

AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM

Eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____, cpf _____, RG _____, residente à _____ cidade/uf _____, cep. _____, tel. (____) _____, doravante apenas “autorizador(a)”, venho, através da presente, autorizar, expressamente, a UFV – Universidade Federal de Viçosa a reproduzir, publicar, veicular, citar e exibir meu nome, minhas declarações e/ou minha imagem no projeto experimental Ibituruna, Berço de Minas Gerais, quantas vezes se fizerem necessários e em todo território nacional e, eventualmente, no exterior, em meio impresso e eletrônico (internet), em local, edição, tamanho a serem definidos a exclusivo critério da autorizada. A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, a qualquer tempo e título.

Ibituruna ____/____/____.

²⁰ O nome inicial do projeto era *Ibituruna, Berço de Minas Gerais*. Por isso as autorizações estão com esse título.

6.4. Termo de autorização de uso de imagens de crianças²¹

Universidade Federal de Viçosa
 Departamento de Artes e Humanidades
 Curso de Comunicação Social/Jornalismo

AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM

Eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____, cpf _____, RG _____, residente à _____ cidade/uf _____, cep. _____, tel. (____) _____, doravante apenas “autorizador(a)”, venho, através da presente, autorizar, expressamente, a UFV – Universidade Federal de Viçosa a reproduzir, publicar, veicular, citar e exibir o nome, declarações e/ou imagem de meu filho _____ no projeto experimental Ibituruna, Berço de Minas Gerais, quantas vezes se fizerem necessários e em todo território nacional e, eventualmente, no exterior, em meio impresso e eletrônico (internet), em local, edição, tamanho a serem definidos a exclusivo critério da autorizada. A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, a qualquer tempo e título.

Ibituruna ____/____/____.

²¹ O nome inicial do projeto era *Ibituruna, Berço de Minas Gerais*. Por isso as autorizações estão com esse título.

6.5. Termo de responsabilidade de empréstimos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DCM- Departamento de Comunicação Social
LABCOM – Laboratório do Curso de Comunicação Social

**TERMO DE RESPONSABILIDADE
EMPRÉSTIMOS – FINAL DE SEMANA**

Solicito ao laboratório de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa o empréstimo do (s) seguinte (s) equipamento (s).

O material será utilizado com a seguinte finalidade:

Data que irá pegar o equipamento:

Data de Devolução do equipamento:

Asseguro a integridade do material em questão e me responsabilizo por seu uso durante o período requisitado conforme as normas vigentes do Laboratório de Comunicação Social.

Aluno (a) responsável e matrícula

Professor (a) responsável

Chefe do Departamento de Comunicação Social
(Assinar após a Assinatura do professor responsável)
Ernane Corrêa Rabelo

Viçosa, _____ de _____ de _____